

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscree-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rna Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis— Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 99

SEXTA-FEIRA 13 DE JUNHO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A caridade publica continua a prestar o seu obolo bemfazejo aos desvalidos da fortuna, aos que haviam sido abandonados pelos seus faldados protectores, e as esperanças d'estos foram illudidas, baldados os seus intentos. Tinham pensado que não havia outra caridade senão a sua, que não havia bolsas, que se abrissem para alimentar a indigencia e a orfandade. Haviam esquecido que os nossos maiores não tiveram irmãos de caridade para os ensinar, e julgaram que só ellas eram mestras habilitadas para dar á infancia a illustração moral e religiosa de que carece.

Até hoje os factos respondem eloquentemente a estas absurdas pretensões de indispensabilidade. As creanças foi negada a caridade *perfumada*, as irmãs de caridade sahiram do paiz, mas nem por isso os asylos se acham fechados ou faltos de perceptoras.

Ao appello da imprensa liberal de Lisboa tem corrido muitas pessoas a dar a esmola da compaixão despretenciosa e bem intencionada, da compaixão, que esquece logo o que deu ha pouco. Um pensamento unico dirige estes bemfeitores da infancia desvalida, o de a salvar das garras da ignorancia e da triseria.

Não é a aristocracia e o clero reaccionario que mantem uma geração incipiente para a afeiçoar aos seus principios, para a talliar pelo molde das suas creanças politicas e dos seus principios religiosos. É o povo que dá ao povo. É o artista que socorre o filho do artista. É o operario que acode á desventura do filho do operario. É o caracter do homem do trabalho, do homem de todas as classes, que pensa, que se agita, que obra, patenteando-nos os rasgos de que é susceptivel, e os seus principios de moralidade, que tem auferido da instrução racional, que hoje se lhe ministra nas modernas instituições escolares.

Esta é que é a verdadeira caridade. Não se offerece, porque não tem intuitos pessoas praticando-se. Não se recusa, porque se condoa das lagrimas de seus irmãos. Dá a esmola porque ella é necessaria, mas nem se lembra de si ao dá-la, nem quer outra gloria pela haver dado, se não a da consolação intima, e a da satisfação da consciencia. Exerce-se esta caridade sem olhar para os lados, porque não a guia nenhum pensamento reservado, nenhum despeito, nenhum vislumbre d'odio e de rancor. Tem por base a natural bondade do coração humano, por fito, a cruz do calvario em que Christo padeceu as agonias da morte.

Não lhe importa se vai, se vai acompanhada. Existe porque é filha de si e da religião, da religião que não se apregoa, que mais se sente do que se ostenta em exaggeradas e falsas demonstrações d'amor e respeito religioso. Não é exclusivista, porque é livre, e porque mira a um ponto que é de todos, a beneficencia. Não podem dizer mal d'ella esses que cuidavam que era possível monopolisala. Não podem porque renegam as *obras de misericordia*, que dizem, *dar de comer a quem tem fome, ensinar os ignorantes*.

A uma caridade succedeu outra. Um capricho pequeno, um preconceito absurdo matou uma. Um capricho nobre e grande fez não nascer outra, porque já existia modesta e na sombra, mas mostrar-se-nos d'uma forma mais activa e calorosa. O capricho mesquinho e absurdo que matou uma, foi o das irmãs de caridade. O capricho nobre e grande que instigou a outra, foi a luva lançada ás faces deste povo no abandono da infancia desvalida.

O repto foi aceito. Cada um dá o que tem, mas todos dão, todos querem dar, todos hão de dar. É este o pensamento que se encontra hoje nos individuos, que não sabem antepôr paixões ás leis da humanidade.

Sóbe a uma cifra avultada o producto das esmolas colhidas até hoje pelas redacções do *Jornal do Commercio* e do *Portuquez*, e comtudo não deve suppôr-se esgotado o animo bemfazejo dos lisboenses. Em Vianna do Alemtejo já foi seguido o exemplo que a capital nos tem dado, e é de crer que n'outras terras se reproduzam iguaes.

Se por um lado devemos considerar calamitosa a expulsão da infancia das casas em que se achava asylada, por outro devemos congratular-nos por ter dado logar a estas caridosas demonstrações, que sempre houram e illustram os povos, que as praticam.

É portanto nosso dever registrar este tão louvavel e christão procedimento, para que as gerações futuras fiquem sabendo que não descuravamos os mais santos preceitos da religião dos nossos paes.

Parece-nos que ainda se não mostrou occasião tão propicia como esta para organizar e imprimir na caridade e na beneficencia um caracter adequado ás nossas instituições politicas. Promovam-se em todo reino centros permanentes de beneficencia publica, e deem as mãos nesta santa cruzada as auctoridades civis e religiosas de cada districto, de cada cidade, de cada villa, de cada aldeia. Allie-se o elemento religioso e civil. Constitua-se com a forma de associação humanitaria, e promova a beneficencia publica por todos os meios que a prática aconselha. Feito isto teremos mais um foco de illustração popular, mais um argumento em favor da sinceridade dos sentimentos religiosos e humanitarios do partido liberal.

M. DE M.

Consta-nos que o sr. delegado do thesouro sahiu em correição ás repartições de fazenda do districto. S. s.ª dirigiu-se, segundo nós informam, ao concelho da Mealhada.

Não sabemos que motivos levaram s. s.ª a começar por aquelle concelho o exame das matrizes. É sabido que este jornal tem accusado o escrivão de fazenda de Vagos das prepotencias por elle praticadas no exercicio do seu cargo. É tambem publico, que o mesmo escrivão apesar de acusado pela imprensa com citação de factos vergonhosos, e individuação de pessoas, que attestam o que nós temos afirmado, apesar delle ter já em seu poder certo documento, que o comprometia, e que subrepticamente houve da pessoa possuidora d'elle, apesar de ter mendigado outros documentos identicos a este de varios sujeitos, apesar de nos ter prometido em uma carta, que o outro jornal da localidade publicou, que havia de justificar-se das imputações, que se lhe fizeram, ainda não deu conta dos seus actos, nem purificou a sua reputação dos crimes, que nella pezan.

Parece, pois, á vista do que se tem dado com o escrivão de fazenda de Vagos, que era este o concelho, que mais estava pedindo a visita do sr. delegado do thesouro e que era por elle que s. s.ª devia encetar a sua correição.

Sentimos que os factos succedidos não tenham sido tomados em consideração pela respectiva auctoridade, e não podemos eximir-nos de censurar que se menospreze assim as manifestações da opinião publica, da qual a imprensa é considerada como orgão natural.

A collecção d'accordãos e posturas municipaes d'este concelho está por tal forma reduzida e inconveniente, que faz pouca honra á camara, que a adoptou, e ás que a tem conservado.

Esta legislação rural bem organizada e executada pode ser de summa utilidade—merece por tanto uma attenção séria da parte das camaras, e principalmente da de Aveiro, que, como a primeira do districto, devia dar exemplo ás outras.

A collecção de accordãos e posturas municipaes constituem uma legislação penal que tem de ser applicada pelos juizes eleitos—deve por isso ser muito completa e clara porque elles são por via de regra ignorantes, e de mais, porque segundo o artigo 18 do Cod. Penal, deve entender-se á letra sem interpretação.

Movidos por estas considerações empreendemos algumas censuras á actual collecção com o fim unico de lembrar á camara a reforma della.

A collecção de posturas e accordãos em vigor no concelho de Aveiro labora nos seguintes defeitos:

- 1.º A sua divisão e collocação de materias é imperfeita e errada.
- 2.º A sua redacção é miseravel em muitos artigos.
- 3.º Impõe penas maiores e excedentes ás attribuições da camara.
- 4.º Destroe o principio constitucional da divisão e independencia dos poderes administrativo e judicial.
- 5.º Finalmente contém disposições fóra das attribuições da camara, estabelece algumas prejudiciaes, e fultam muitas sobre objectos de verdadeiro interesse publico.

Pelo que toca á primeira parte limitamo-nos

a apresentar as epigraphes de cada uma das sete partes desta collecção, a saber:

- 1.ª Trata da limpeza e acieo da cidade.
- 2.ª Da policia municipal geral.
- 3.ª Da divagação d'animaes.
- 4.ª Das arvores e maninhos.
- 5.ª Dos depositos de entulhos e materias de obras novas e velhas.
- 6.ª Do caes e barcos.
- 7.ª Dos carrros.

Donde se vê que se não seguiu a divisão indicada pelo Cod. Adm. art. 119 *in fine*—isto é—Policia urbana—Policia rural—mas confundiu esta com aquella, e nisto está o maior mal pelas duvidas, a que dá occasião e a que os juizes eleitos julguem segundo a suas paixões.

A cada passo se vêem artigos deslocados; apontaremos um exemplo, qual a dita 1.ª parte que trata: Da limpeza da cidade: Note-se que os artigos 1.º, 5.º, 6.º, 8.º comprehendidos nesta epigrafe se referem aos mais logares do concelho! e os artigos 2.º, 3.º, 4.º, 10.º, 11.º, 12.º fallam em termos genericos sem se referirem nem á cidade nem aos mais logares do concelho. Pergunta-se estes artigos genericos serão applicaveis so á cidade ou tambem aos mais logares do concelho? Se attendermos á epigrafe diremos, que so se referem á cidade. Mas contra isto podem dizer-nos: que debaixo da mesma epigrafe se acham artigos, que tambem se referem a outros logares do concelho; e que em alguns dos ditos artigos se fallá expressamente da cidade, e havendo logares em identicas circumstancias faltariam na collecção posturas para estes, e que por conseguinte os art.ºs genericos se referem á cidade e aos mais logares do concelho.

Estas e outras duvidas, que podem suscitar-se, tenham ou não pezo, collocão um juiz eleito em torturas sem saber como pode julgar; e é certo vermos a cada passo nos casos duvidosos deixarem-se as boas rasões, e julgar-se pelas peores.

Pelo que toca á má redacção, pode servir de exemplo o art.º 24, que diz assim—é prohibido apanhar minhocas cavando a terra nos largos do Rocio etc. Bem se vê que a intenção da camara foi prohibir as escavações nos sitios a que alludi; mas á vista da sua redacção podemos dizer que aquelle que fizer escavações nos ditos largos, e não apanhar minhocas não é transgressor desta postura, que só devia prohibir o facto principal de fazer escavações, sem mencionar as minhocas, que são apenas um dos fins, porque aquellas se podem fazer. Citaremos egualmente o art.º 34 que diz—= todo o individuo que carregar para carrros ou barcos alguma porção d'estrume e com elle transitar pelas ruas da cidade, incorrerá na multa 1:200 rs. Para nós era novo transitarem barcos pelas ruas d'Aveiro!!

No art.º 52 diz—= é prohibido demolirem-se casas em qualquer dos arruamentos da cidade, sem que seus donos se obriguem, perante a camara, á construcção d'outras no mesmo recinto, e exijam della o alinhamento e forma, que a nova obra deve ter.

Bem sabemos, que o que a camara quiz ou devia querer, e estava nas suas attribuições segundo o art.º 120 n.º 7 do Cod. Adm. foi regular o prospecto dos edificios da cidade, mas redigiu o art. com tal embroglio, que atenta contra o direito da propriedade, garantido em toda sua plenitude pelo art. 145 § 21 das Carta Constitucional. Pois a camara pode obrigar alguém a edificar de novo as casas que demoliu ou se arruinaram? Não pode o seu dono carecer de meios para isso? A camara, no caso de utilidade publica, pode expropriar; mas obrigar a edificar não sei com que direito. E não podem as casas estar em sitio e circumstancias taes, que seja uma conveniencia publica a sua demolição?

Não pode o seu dono demolil-as para as substituir por um jardim, que aformoseie mais a cidade?

E neste e outros casos deverá ser punido?

É para lamentar que esta attribuição das camaras tenha sido tão despresada, porque é muito importante não só pelo que respeita á policia preventiva, como ao aformoseamento das povoações; e a postura deve ser redigida de maneira, que não vexee alguém, e seja applicavel ás mais povoações importantes do concelho.

(Continuar-se-ha.)

Publicamos em seguida as explicações, dadas pelo sr. José Estevão, na sessão do dia 28 de maio, sobre a questão da liberdade do ensino.

O sr. José Estevão:—O illustre relator da comissão, a quem, por força do meu officio e contra o meu desejo, tenho principalmente de me dirigir, teve a bondade de, exaggerando os meus dotes moraes e intellectaes, construir delles a meu respeito um verdadeiro privilegio, privilegio que não construiu de certo com os sentimentos mais generosos, e sem que se aproveitasse dessa mesma generosidade, porque os seus dotes não lhe dão menos direito do que dão os meus a mim mesmo. Entretanto o grande dote do homem publico não é ter talento, não é ter caracter, boas, excellentes condições para a vida publica, mas que todas se inutilisam e se tornam nocivas ao sujeito e á patria, se o individuo assim prendado se não esquece dessas qualidades e não é o primeiro a submettel-as ao interesse commum (*apoiados*).

É bom lançar mão das figuras que outros empregam. O illustre deputado soube apanhar cautelosamente na praia os lenhos dessa jangada que eu aqui havia construido, reconstruindo-a a seu modo para n'ella metter o governo e a situação. As madeiras são boas, e o processo é conhecido; a jangada navega, e ainda bem que navega para sustentação das liberdades publicas, e para a repressão parlamentar de doutrinas subversivas da ordem e liberdade, lançadas aqui com o entono do predomínio pessoal, e logo modificadas, explicadas e attenuadas de um modo verdadeiramente exemplar (*apoiados*). A jangada navega, e só ha a admirar que tripulantes destros e habeis cm construcções regulares de navios alterosos, aos primeiros signaes de um agaceiro larguem o leme, e gritem—= que tudo está perdido—=, sendo necessario que novas tripulações vão ao mar da governação publica acompanhadas de outros praticos!

E são esses timidos navegadores que querem dar alma á tripulação! São elles que, depois de terem entregado a direcção do barco a homens, que mais comprehendiam o seu dever, e não se amedrontavam das eventualidades e dos perigos inevitaveis da vida maritima, dizem agora! «Avante, ferremos panno, navegaremos, avante!» São elles que criticam um governo, porque sustenta as suas opiniões, congregando os seus amigos que as partilhavam e se offereciam para governar o paiz nas condições proprias, politicas e moraes, e não vinham como o illustre relator da comissão, com uma arrogancia, de que elle mesmo se ha de ter arrependido, pronunciando diante do parlamento e do paiz aquelle sempre estupendo e poucas vezes ouvido: «Senão, não».

Mas senão o que? Senão govêrno já e já, vou para a vida particular. Ou governo ou observatorio politico.

E diz o illustre deputado: «A luta não acaba, é condição do systema representativo. Queris luta? Não a quereis de certo, que sois velhos decrepitos, timoratos. Nós, moços, vivos, arrojados, estamos promptos para ella. Mas se da luta não resultar o governo, eu vou para o observatorio politico.» (*Apoiados*.) Nada mais e nada menos. Senão, não!

Os nobres que diziam: «Senão, não», não queriam dizer: «Se não observaes as leis do paiz, se não as respeitaeis, nós vamos para a caça convosco». Queriam dizer: «Nós no nosso civismo (no systema liberal, com a imprensa, com os discursos, com as armas legais; ali com a resistencia de patricios) havemos de fazer com que nos governeis como merecemos, senão procuraremos quem melhor nos governe e vós tambem». Mas o illustre deputado diz: «Senão, vamos para a vida particular, e veremos de lá muita cousa!»

É um observatorio bem constituido este. A arrogancia com que isto se estabelece, só pôde concordar com a situação de um homem, cujos talentos são muito superiores á sua constituição moral. Apresentar-se assim diante do paiz é o mesmo que dizer: «Eu aqui tenho em uma das mãos a experiencia da Europa, os conselhos das primeiras illustrações, e na outra os partidos desta terra».

Isto é que é governo pessoal. Isto é que é personalidade nos partidos (*muitos apoiados*). E foi contra esta ideia que se revoltaram aquell-

les que não poderam tolerar as justas observações que eu fiz sobre o governo pessoal!

Não me dirigi ao illustre deputado, porém elle tomou o vicio de se tornar sujeito a todas as allusões. Não podemos referir-nos a factos, a doutrinas, que não diga logo: «Foi a mim».

O governo pessoal não o ha na coroa, ha nos partidos.

Porque o presidente do conselho de ministros não fallou no debate (uma das condições essenciaes do governo representativo é — que os presidentes do conselho sejam eloquentissimos, e não sei como se têm sustentado outros ministerios nesta casa, uma vez que a lista dos nossos presidentes do conselho não é a lista dos nossos oradores (apoiados), pôde vir a ser, ha de vir a ser, mas não tem sido, porque não falla em certa e determinada questão, dizem e sustentam que é um governo pessoal.

E' uma lição das novas invasões no systema constitucional.

Triste precedente! Devemos todos condemnar-o; mas como cumpre fazer justiça a todos, devemos tambem procurar saber se elle corresponde com razão ao personalismo dos partidos politicos.

O personalismo dos partidos politicos não consiste em escolher certas e determinadas bôcas para explicarem as suas doutrinas; consiste em apresentar individuos, e só individuos, que não representam nada, que não querem nada, que se aggregam a todas as parcialidades, e fazem hoje um discurso, que é a retractação do discurso de hontem (muitos apoiados).

O rei diz: «Vendam-me as affeições. Os partidos politicos apresentam doutrinas, systemas de governo, mas apresentam um homem só, e declaram que as leis constitucionaes se converteram em paixões pessoais. Elles apaixonam-se e eu tambem».

Ora até aqui a reluctancia a falta de opinião dos diversos partidos politicos, principalmente na opposição, vinham de que não se proclamava o que se queria fazer, porque provavelmente se entendia da parte dos chefes desses partidos, que essa proclamação destruiria muitas illusões e traria compromettimentos. Agora essas doutrinas não se apresentam, são impossiveis.

Eu não sargenteio nos partidos, mas critico o homem publico, os actos dos homens publicos, porque posso censurar as suas doutrinas e attribuir-las a posições particulares que condemno, quer tenham as paixões do primeiro discurso do tribuna catholico, o sr. Casal Ribeiro, quer tenham as doutrinas transgentes do segundo. De sorte que nos dois discursos do nobre deputado ha uma confusão de ideias e de opiniões que é mui difficil comprehendê-la.

Admitto as opiniões logicas e claras dos dois illustres deputados que se sentam nas extremidades destes bancos. Louvo a correção pratica, clara e grave do sr. Fontes contra as theorias dissolutas e licenciosas que appareceram aqui sobre a liberdade de ensino.

Diz-se no entretanto que a opposição vive em familia. Não ha duvida que vive em familia, e eu folgo que assim seja, porque folgo sempre que se estabeleça o principio de convivencia em todas as casas; mas ha familias que vivem muito bem de affecto, e que não obstante ralhão muito (apoiados).

O illustre deputado ha de permitir-me que lhe diga — que, quando não está debaixo do predomínio de sua personalidade, quando a sua intelligencia está livre, é um homem util, utilissimo.

S. ex.<sup>a</sup>, é certo, não se mostrou partidario das ordens monasticas, mas s. ex.<sup>a</sup> sabe que as congregações religiosas não são só as do monacato, e por isso se declarou defensor das que têm votos temporarios. Eu declaro que sou mais contrario a estas do que ás outras (apoiados). Em quanto a mim o que ellas tem de mais nocivo é não possuir um caracter verdadeiramente religioso, é terem um pé no seculo e outro na igreja.

Pôde o nobre deputado, o sr. Pinto Coelho, dizer o que lhe parecer; pôde o nobre relator da commissão argumentar como quizer, porque para mim esta doutrina é altamente perigosa e insustentavel (apoiados). Votos internos e intimos cada um os faça como entender, para depois não ter de que se arrependar; e se se não pôde chegar a ser perfeito, é melhor viver sempre na lei commun, para que se não faça do catholicismo uma moda, uma vaidade e uma especulação social. Esta é a doutrina dos bons moralistas.

A este respeito disse o illustre deputado — que era sempre bom e conveniente escutar a opinião publica —. Foi a primeira vez que vi conhecida a sua existencia acerca d'esta questão; é poderosa a sua força, não ha duvida; deve escutar-se; e no entanto um dos meus amigos, a quem sinceramente dou este nome, teve a infelicidade de a negar!

Sinto que as circumstancias me não permitam analysar todo o projecto da commissão, como devia, porque queria mostrar ao seu illustre relator, que s. ex.<sup>a</sup>, sendo tão instruido e tão intelligente como é, não podia querer o que escreveu acerca da liberdade de ensino.

Sinto tambem que o nobre deputado fizesse a um estadista d'este paiz injustiça de viciar o seu systema de governo, porque os homens publicos injuriam-se quando se lhes attribuem opiniões que elles não têm. Pois o sr. conde de Thomar não ha de sentir que se venha transformar a historia, fazendo se acreditar que s. ex.<sup>a</sup> tinha idéas sobre instrução publica mui diversas das que conservava acerca de outros ramos da administração?

Quer tambem illustre deputado que se fa-

ça um inquerito em Portugal sobre o estado do ensino publico. Eu queria que se fizesse um inquerito não sobre o estado do ensino publico, mas sobre o uso que têm feito do poder aquelles a quem os seus committentes têm entregado a gerencia dos negocios publicos; esse é que havia de ser o inquerito.

Um inquerito para saber o estado do ensino publico! Pois o illustre deputado não o sabe? O estado do ensino publico é pessimo, é atrazadissimo, os professores são mal pagos, as casas do ensino são miseraveis. E ultimamente, com grande reprovação e estranheza minha, estabeleceu-se o costume de dizer — juntas de parochia, quereis uma escola? Dae uma casa e dae a mobilia (apoiados). A junta de parochia ordinariamente offerece-se a dar uma casa que não dá, e uma mobilia que não existe (riso); mas, quando dá casa e mobilia, não tem dado nada, porque a casa não tem tectos e a mobilia ninguem se pôde servir d'ella (apoiados e riso).

A Inglaterra mandou fazer um inquerito sobre a instrução publica; mandou: mas ali manda-se estudar a instrução publica e a administração publica a toda a parte. E não é porque a instrução publica e todos os ramos de administração se não possam estudar comparando as leis, não é pela razão que disse o illustre deputado, para ver a legislação dos diversos paizes; é para ver funcionar a instrução publica e os diversos ramos de administração. A primeira necessidade que nós tinhamos era fazer examinar as finanças dos estados em todas as suas praticas e em todas as suas applicações, para que os homens da importancia e dos recursos do illustre deputado, quando fossem chamados ao poder, não dessem ao paiz um systema financeiro como esse que aqui temos, sobre que se fundaram tantas esperanças, mas que não é senão uma copia infeliz do que estava adoptado nos outros paizes, e falta-lhe o principal, que é saber como se pratica, como se funciona, como anda a machina, porque a explicação d'ella graphicamente, a explicação doutrinal de cada uma das peças e das funções a que está destinada, não basta.

E' preciso portanto estudos para tudo, e cada um deve applicar-se áquillo para que tem mais vocação, porque as intelligencias alexandrinamente ambiciosas arriscam-se a esterilizar-se e a tornarem-se inuteis para o serviço da patria e para a sua propria gloria.

«Mas no tempo do sr. conde de Thomar o ensino foi livre; o sr. conde de Thomar libertou a instrução». E o illustre deputado não se lembrou sequer de que o sr. conde de Thomar com muita coragem e muita logica, porque faço justiça primeiro que tudo aos systemas e depois a todos os homens, revogou a legislação de 1836 que tinha estabelecido a garantia dos professores, e determinou que elles fossem anoviveis! Foi uma grave imputação que se fez áquello homem de estado, porque um homem de estado que não admite a liberdade de ensino não pôde consentir em espirito de verdade que se lhe façam apreciações de tal maneira inexactas. Quem diz: «O professor é demittido á vontade do governo», diz não ha mais liberdades de ensino, nem consciencia de ensino; quem ensina é o governo e absolutamente o governo pela boca dos que quizerem obedecer, porque aquelles que não quizerem obedecer, porque aquelles que não quizerem são-lhes tiradas as cadeiras. Este é que foi portanto o espirito das leis a que o sr. deputado se socorreu, e admira-me como elle trouxe taes exemplos para corroborar a sua doutrina.

«E os exemplos inglezes»? Os exemplos inglezes foram muito mal e extemporaneamente trazidos. Disse o illustre deputado: «Os inglezes fizeram um inquerito muito grande e muito volumoso». Inquerito grande á ingleza, porque os inglezes são mestres n'isso. Mas os inglezes não inquiriram o atrazo das suas escolas, nem a pobreza, nem o abandono completo d'ellas. E eu digo aos ministros que estão e aos que forem — que tudo isto, todos estes discursos, toda esta ceifa de flores oratorias é inutil se não se lhes seguir uma organização extensa e judiciosa da instrução publica em todos os seus ramos. Esta é a lei que se deve fazer.

Para se conhecer como está a instrução publica, basta saber que tem sido abandonada; participa do inconveniente de não haver administração, e para cumulo de desamparo não tem inspecções!

Eu declaro que tremi quando ouvi fallar em inspecções, e trazer a esse respeito os exemplos da França e da Inglaterra, porque em França parece-me que um inspector de instrução publica tem não sei se 2:000,000, se 3:000,000 rs. de ordenado, e a experiencia tem-me ensinado que as funções elevadas dos outros paizes são logo admittidas no nosso orçamento do estado, mas ficam só no orçamento, nas honras e na imaginação das pessoas a quem são incumbidas, mais nada.

«A pessoa competente»? Quem é a pessoa competente para inspecção? Uma das razões porque tambem tremi foi porque esta competencia podia referir-se a uma qualificação partidaria, e a inspecção da instrução publica, mettida nas mãos de um partido ou subordinada a uma certa influencia, era de uma grande vantagem, era um bem admiravel! Eu aceito plenamente as ideias do illustre deputado; são tão liberas como elle, mas a sua liberdade parece-me um pouco compadresca, liberdade de amigos, liberdade para certas e determinadas pessoas, para certos e determinados fins!

O sr. deputado disse-nos: «Estimámos a luta, queremol-a, aceitamol-a nesta questão (mal haja quem a trouxe aqui!), mas sobretudo desejamol-a no campo que escolhermos, no campo que for do nosso agrado». Tambem nós estimámos a

luta, tambem a queremos, mas é a luta necessaria, indispensavel, que vem pela rotação das ideias, pelas necessidades publicas, e não a luta caprichosa, e luta soprada por ambições politicas (apoiados), a luta tenazmente sustentada por grandes recrudescencias de paixão, no momento em que o estado do paiz carece de todo o nosso apoio.

E' realmente notavel que, sem o querer, se tenha por palavras e attitudão dado pretexto á desordem, e accendido a conflagração, porque a teem accendido, e o illustre deputado é um dos que carrega com essa responsabilidade. Levantou se s. ex.<sup>a</sup>, e foram estas as suas palavras: «Quando alguem diz que o pulpito é uma fogueira, que a igreja é um mercado, e a confissão um perigo, que se pode esperar dos homens e dos seus sentimentos religiosos».

Oh! sr. presidente, o illustre deputado péga no meu discurso, em que não toquei, e levanta-o como accusação, como prova das minhas palavras, não lhe pesando, nem tendo remorsos de assium praticar.

Eu disse — que os padres tinham queimado o pulpito antigo; que nas provincias, a titulo de ouvir a palavra de Deus, se abriam as portas das igrejas fóra de horas, e se recolhia nellas uma população indisciplinada, misturando os actos religiosos com os actos dos interesses da vida! Não se soccorram ao papel, soccorram-se ao seu ouvido. Se eu me soccorresse ao *Diário de Lisboa*, não podia responder ao illustre deputado, porque s. ex.<sup>a</sup> reviu o seu discurso e eu nunca o faço. Como é que um espirito desta ordem e destes recursos vem desfigurar completamente as intenções do seu adversario? A verdade dos factos foi sacrificada á dicção; fechou um periodo, arredondou uma phrase. Isto devia ser assim. Os homens, uns são as doutrinas, outros são o dever, outros são a educação, outros são a presumpção, outros são o temperamento, e eu discuto com o temperamento; o temperamento foi o que levou o illustre deputado a esta pequena, mas deploravel fraqueza (apoiados). E depois d'isto eu aceito as suas protestações de lealdade, reconhecendo que naquella occasião se enganou, porque só confessando que se enganou, pôde conservar o titulo de homem leal, de que tanto se ufana e gloria.

(O sr. Casal Ribeiro: — Peço a palavra para uma explicação.)

Repito, e não queria dizer mais nada; eu não disse uma só palavra d'onde se deduzisse que considerava o pulpito como uma fogueira, nem o templo como um mercado (apoiados); nem o illustre deputado meu amigo disse que a confissão era um perigo. Disse que da confissão se podia abusar e se abusa; disse que nos templos, em nome da religião, se falta com o respeito devido ás santas representações que nesses templos se devem fazer; disse que um padre, ardendo em zelo pharisaico, tinha condemnado um escripto de cima do pulpito sem serem essas nem as suas funções officiaes e muito menos as suas funções sacerdotaes; e eu notei que se elle queria queimar o livro, tinha querido um impossivel, porque o livro era o representante de uma ideia, e as ideias não se queimam.

Estas foram as minhas palavras.

O illustre deputado pela India, meu amigo, disse que o artigo 2.<sup>o</sup> era uma chave para abrir a porta ás congregações religiosas.

A chave estava cá, mas estava na mão do sr. Julio Gomes quando publicou o alvará, pelo qual permitia que entrasse só um certo numero de irmãs de caridade, mas que não vissem em congregação. Ellas não se prendem com isto, promptificam-se a não formar congregação, e depois de cá estarem formadas e vivem em communidade. Ha uma lei que as prohibe em numero seis; ellas vem em numero cinco; ha uma lei que as prohibe em numero cinco, ellas vem em numero quatro, e nunca se ajustam em uma porção a que a lei possa ser rigorosamente applicada.

Privaram nas depois da entidade juridica, e tambem não obedeceram.

Eu creio que a entidade juridica era boa, mas pelos elogios que lhe tenho ouvido fazer, começo a desconfiar della, e julgo-a pouco efficaç.

Effectivamente prou-se que não bastava, e que era necessario lançar mão de outra medida, porque uma luta desta especie não se acaba nas primeiras batalhas.

Eu quero explicar o meu sentimento intimo a respeito das irmãs de caridade. Como objecto, as irmãs de caridade quero-as e aceito-as, porque, apesar de impio, estimo a caridade e pratico-a como posso: pratico-a menos do que devo, porque todos a praticámos menos do que devemos. O objecto portanto acho-o digno da maior veneração e respeito, mas a congregação não gosto d'ella.

E esta minha animadversão deve desculpar-se; o que mais temo nas irmãs de caridade é o precedente, o começo. Não é a questão em si, é o prologo.

Se em logar das irmãs de caridade viesse outra qualquer congregação, a minha repulsão era a mesma, porque em entrando uma, entram todas as outras. O que se quer é estabelecer o precedente (apoiados).

E o precedente neste negocio estabeleceu-se e tem servido. (apoiados). O primeiro serviu para estabelecer o segundo. Entraram quatro irmãs de caridade; este precedente serviu para depois entrarem seis; entraram seis, e isto serviu para depois entrarem oito, e assim successivamente (apoiados). Entraram a titulo de exercer a caridade, mas isto serviu de pretexto porque o seu fim era o ensino (apoiados).

Se viessem requerer outra qualquer congregação, eu fazia-lhe a mesma opposição, porque (não sei onde) lembrou-me de ter lido que as congregações religiosas hoje, nos seus institutos, nas suas regras, são todas jesuitas, todas (apoiados); porque é uma epocha de restauração para as congregações, é uma epocha de luta e de combate, e depois de tantos iniciadores e fundadores, conheceu-se que a regra de Santo Ignacio de Loyola era a mais propria para o ataque e defesa, e então todas se têm feito jesuitas (apoiados).

Mas argumenta-se a favor das irmãs de caridade — é o respeito que lhes tributa uma grande nação, são os que as apadrinham.

As irmãs de caridade são veneraveis, respeitaveis e isentas de toda a macula, pessoalmente; e se a França se ensoberbece pela sua instituição, respeitamo-la debaixo d'este ponto de vista. A França apadrinha-as e tem razão, porque é a crença de um povo, e são cidadãos d'esse paiz; mas são uma congregação religiosa, debaixo de cuja instituição e debaixo de cuja organização a inspecção do governo, ainda a mais perspicaz, não pôde descobrir se ha uma direcção e educação que possa convir ao estado.

Sinto que se dissesse que as creanças educadas nos estabelecimentos onde ha irmãs de caridade viviam perfeitamente alegres, e que o seu aspecto não quer dizer nada, porque o aspecto não é nada principalmente em creanças.

O aspecto em creanças é o documento vivo da educação que ellas têm, da docilidade com que as aconselham, das doutrinas que bebem, da amabilidade com que são tratadas; e para mim, creança cabibaxia, de olhos no chão, sem movimento proprio, olhando sempre para uma superiora, modelando todas as suas acções aos aconos e á vontade d'ella; para mim, digo, isto não é criação, é anniquillação. Se as congregações religiosas não sabem fazer mais do que isto, não conhecem o ser humano, não comprehendem o que é Deus, nem a religião.

Sr. presidente, eu completo o quadro.

Um collegio de creanças é um regimento inglez, perfeitamente um regimento inglez! (Riso.)

Eu quero ver as creanças com a alegria e com a desenvoltura proprias da sua idade; quero que as suas acções sejam dirigidas conforme as suas facultades, quero a obediencia pelo respeito e não pelo tenor; n'uma palavra, quero um povo infantil, educado debaixo de um grande pensamento, de um grande principio disciplinar — Deus, religião e patria (apoiados).

Vozes: — Muito bem.

O Orador: — Não confio que as congregações religiosas façam isto, porque nas congregações ha a superiora, o superior que aos olhos das creanças representam Deus! Eu quero primeiro a idea primitiva, e depois os similes; primeiro Deus e Deus segundo o espirito da sua lei, Deus que quer que o individuo se eduque para a pratica de boas obras, mas não quer que elle se inutilize para a vida civil; não consente que substituamos á santa auctoridade da familia propria a auctoridade da familia estranha (apoiados).

O sr. Pinto Coelho já chamou ás congregações religiosas — a tropa de linha da religião. Eu não gosto d'estas comparações; mas um grande theologo, um grande historiador ecclesiastico, chama-lhes tropas estrangeiras, e é verdade.

«Fóra a concorrência» dizem os illustres deputados! Fóra a concorrência onde ha dever, fóra a concorrência onde ha sacerdocio, fóra a concorrência para todos, para aquelles que parecendo servir idéas moraes e principios religiosos, vêm a cair em idéas tão mesquinhas, tão pequenas, tão materiaes. Uma das cousas que me envergonha é ver a igreja, auctorizada pelo poder divino, pela tradição de seculos de predomínio social e por serviços á civilização, como recebendo a concorrência, querer só ella possuir o direito de ensinar, direito que não lhe contestámos, mas regulado, mas respeitando o principio da concorrência. Não é a igreja, é a ambição dos homens que se encostam a ella; são estes enxertos politicos que á ultima hora recorrem a este expediente para se salvarem de uma derrota; são estas jangadas para que todos podemos trazer madeiras, mas não podemos admittir nenhuma com o carimbo de Deus e da igreja.

O illustre relator da commissão fez uma invectiva pungente a este pobre povo, a esta pobre nação.

Não posso restabelecer bem a figura d'este drama, mas creio que foram as irmãs de caridade que se suppozeram mandadas sair de Portugal e no seu caminho para França. Chegadas a França são interrogadas, perguntam-lhes: «D'onde vindes?» «Nós vimos de um paiz em que se accumularam contra nós todas as excellencias historicas e artisticas»; e o illustre deputado procurou fazer a invectiva de modo que se manifestasse bem o contraste entre a nossa situação do passado e estado de abatimento em que nos vemos.

Mas o illustre orador, fazendo a invectiva, tinha prevenido a resposta. Quando perguntadas ás irmãs de caridade: «D'onde vindes»? Respondia o sr. relator da commissão com esta parte do seu relatório: «Nós vimos de um paiz onde a arvore da caridade é esportanea, floresce e fructifica com abundancia; não ha infortunio que debalde lhe busque a sombra! (Apoiados).»

E' que o orador e o patriota quiz sair bem da difficuldade em que se tinha mettido por uma pequena contradicção, contradicção de patriota; mas o homem publico que assim procede e que escreveu estas palavras, deu uma triste idea do que se pôde esperar d'elle.

Um inquerito sobre o estado da instrucção publica, e não sabemos inquirir, não temos coração para sentir o que se passa no proprio paiz de que somos cidadãos, na terra onde nascemos, nas ruas por onde passamos!

Um homem de estado que é as esperanças do seu partido, e que já fez um ensaio glorioso das suas facultades, não diz que a arvore da caridade é espontanea no nosso solo, que floresce e cresce com abundancia, e que não ha infortunio que a ella se não abrigue, sancionando ao mesmo tempo a preguiçosa theoria de que os governos só foram constituídos para receber ovações populares ou os testemunhos de consideração de certos estrangeiros; para fazer discursos, para brilhar entre os seus partidarios, e que não são para velar incessantemente pela administração publica, e pela da beneficencia, que está completamente desprezada entre nós, que está entregue não digo á liberdade, mas á licença, ao desperdicio.

O illustre deputado diz = que não ha infortunio que não abrigue á arvore da caridade = ; e elle vac para sua casa, vê nas ruas de Lisboa, sem que ali tenha chegado a caridade das irmãs, creanças do sexo feminino; n'uma idade perigosa, pedindo esmola! (Apoiados.) Vê isto, e vê homens que saem do hospital tornando de frio, entre a morte e a vida, e que são mandados convalescer para a rua! Eu creio que todos os estabelecimentos de beneficencia precisem de uma reforma e de uma reforma grande (apoiados). Temos liberalizado grossas dotações sem d'ellas tirar correspondentes resultados mas não são as irmãs de caridade que podem remediar isto, porque não têm para isso nem força nem vocação.

E agora citarei um documento, ainda que pequeno, recente, para mostrar o espirito das irmãs de caridade, e a necessidade d'ellas nos hospitais. Em um hospital estrangeiro haviam uns poucos d'estudantes internados, que se dedicaram cuidadosos ao tratamento dos doentes. De repente receberam ordem expulsando-os do hospital, e perguntado o motivo responderam-se-lhes = porque offendestes o sentimento religioso das irmãs de caridade, comendo carne em dia de peixe! = Agora pergunto eu a qualquer catholico, ao mais catholico — se por uma falta d'esta ordem, por um sentimento de pratica religiosa, aliás digna de attenção, valia a pena d'ir prejudicar o tratamento dos doentes, inutilizando ao mesmo tempo vocações provadas? Eis aqui o que é o espirito das congregações religiosas.

Termineo pedindo desculpa á camara do tempo que lhe tenho tomado, não me despedindo de tomar ainda a palavra, nem deixando de reconhecer a inconveniencia de, a titulo de explicação, estar restabelecendo um debate findo, mas era indispensavel para rebater opiniões que me foram attribuidas.

Pego desculpa ao sr. Casal Ribeiro se offendi a sua susceptibilidade; tenho vivido sempre debaixo d'estas preocupações, e espero da sua lealdade que me dê reparação solemne das expressões que me attribuiu, porque não as disse, nem creio que estejam exaradas no discurso que se acha impresso, em que não toquei.

Vozes:—Muito bem, muito bem.  
(O orador, segundo o seu costume, não reviu este discurso.)

O sr. Casal Ribeiro.—Como o illustre deputado invocou a minha lealdade, não posso deixar de annuir ao seu convite e dar uma pequena explicação.

Declaro s. ex.ª que não tinha dito o que se me assignou ter-lhe ouvido = , e desde o momento em que assim o declara eu não posso nem devo insistir. Devo sim dizer que, se me enganai, mais algum se enganou comigo na apreciação que fez das palavras do illustre deputado quando as ouviu e as leu no *Diario de Lisboa*. Eu aceito a explicação de s. ex.ª como espero que aceite a sinceridade com que declaro que não quiz fazer uso individual das suas expressões, que de certo foram mal interpretadas.

O sr. José Esteves.— Aceito a explicação; mas estimaria muito que não tivesse sido necessaria.

## NOTICIAS DE MOÇAMBIQUE

Receberam-se desta provincia importantes noticias por via da barca «Clementina», entrada ultimamente no Tejo, que alcançam até 30 de outubro ultimo.

Em seguida extrahimos do «Diario de Lisboa» as seguintes, que foram recebidas no ministerio da marinha e ultramar:

«O governador geral da provincia, em officio de 15 do referido mez, participa que, no dia 26 do mez antecedente, tinha sido occupado o porto d'Angoche pela expedição portugueza, commandada pelo proprietario João Bonifacio Alves da Silva; e auxiliada pelo governador do districto de Quilimane, o tenente coronel do exercito Custodio José da Silva; sendo arvorada a bandeira nacional no rio d'Angoche, e ficando de facto sob o nosso dominio aquelle importante porto, que por diversas vezes tinha resistido a ataques de forças muito consideraveis, e que era não só o foco de immenso contrabando e de escravatura feito em pangaos arabes, mas tambem o velhacouto de todo o homem livre ou escravo de má nota.

O mesmo governador geral, tendo na devida consideração os relevantes serviços que havia prestado o referido proprietario, João Bonifacio, já o tinha proposto a S. M. para coronel da segunda linha da provincia, nomeando-o ao mesmo tempo capitão mór e commandante militar de Angoche; mas, infelizmente, esse benemerito cidadão

havia fallecido naquelle districto no dia 7 de outubro.

Recebeu-se tambem um officio do governador do districto de Lourenço Marques, em data de 24 de fevereiro do corrente anno, participando ter sido batido e exterminado pelas nossas forças o regulo Manéva, filho e successor do celebre regulo Manicusse, ficando sujeitos ao governo do referido districto as vastissimas terras d'aquelle potentado.

Sobre a maneira porque foi tomada Angoche, abaixo se transcreve o artigo que a este respeito foi publicado no supplemento ao n.º 41 do *Boletim Official do Governo Geral da Provincia*.

*Moçambique, 10 de outubro.*

«Os povos de Angoche e do seu importante districto ha muitos annos que se tinham rebellado, e tinham ostensivamente negado a obediencia, que deviam ás auctoridades portuguezas. Por diferentes vezes haviam aquelles povos resistido com mão armada ás tentativas, que o governo tinha feito para os reduzir á submissão devida. Diversas circumstancias concorreram para que essas tentativas fossem infructiferas. Mas este estado de rebellião não podia continuar: era preciso pôr-lhe um termo. A attenção do governo geral da provincia, suscitada pelas recommendações do governo de S. M., não podia deixar de dirigir-se para aquelle ponto importante, foco de um immenso contrabando de fazendas e de escravos, que se estava fazendo todos os dias com grave desfalque dos rendimentos publicos da provincia e em prejuizo da humanidade, e das sabias e justas intenções de S. M., que não quer consentir nos seus dominios se continue um trafico, contra o qual se revolta toda a alma bem formada.

No animo ousado e generoso do proprietario e morador de Quilimane, o sr. João Bonifacio Alves da Silva, achou o governador geral um auxilio poderoso, que se resolveu aproveitar, para o fim duplicadamente util de destruir aquelle ninho de contrabandistas e de rebeldes, em cujas mãos correu risco a vida de alguns empregados do governo, que só foram salvos depois de terem soffrido bastantes insultos, vexames e muitas privações.

Não era, pois, só uma submissão passiva, que se carecia, era tambem um castigo que escurmentasse aquelle povo rebelde e os seus chefes sem fé.

O sr. João Bonifacio, habituado ás expedições do sertão, conhecedor do districto comprehendido entre o Quisungo e Angoche, pela necessidade em que algumas vezes se tem visto de defender-se de varias aggressões que os povos d'elle, seus vizinhos, lhe moviam, e possuindo além d'isso uma porção de gente armada e aguerrida, acolheu com boa vontade a occasião, que se lhe deparava, de distinguir-se e de prestar á provincia e a Sua Magestade um eminente e importante serviço, tomando sobre seus hombros a empresa de castigar e submeter Angoche; e, accetando apenas do governo algum auxilio de artilheria e munições de guerra, e de alguns soldados, só com isto e os seus proprios meios se julgou apto para levar a cabo a sua ousada empresa, que Deus, que é sempre justo, acaba de coroar com feliz resultado.

Com dezoito praças do 2.º batalhão de caçadores de Moçambique, que faziam parte do destacamento de Quilimane, com duas peças de campanha, com um lanchão, que o deveria coadjuvar poderosamente por mar, se não tivesse naufragado na barra do Quisungo, e com alguns dos seus sipaes, partiu o sr. João Bonifacio de Quilimane, em meados de Agosto, a reunir-se ao resto da sua força, que se achava no Licungo, praça da corôa do districto de Quilimane, para d'ali seguir caminho de Angoche.

Por entre as difficuldades inherentes ás marchas incommodas e perigosas do sertão, pela necessidade de vadear muitos rios e ribeiras, ás vezes caudalosos, tendo de atravessar a espessura de mattos quasi intransitaveis, e planicies e terrenos alagadiços, que se encontram por todo o districto entre o Quisungo e Angoche, seguiu o sr. João Bonifacio o seu caminho, sem que, nem estas difficuldades, nem mesmo a falta de mantimentos em que por alguns dias se achou, abatessem o seu animo nem retardassem a sua marcha.

A artilheria e as munições conduzidas ás costas de homens, unico meio de transporte, foi-lhe grande embaraço; mas a boa vontade e a esperança de chegar ao fim da sua empresa poderam mais do que todos os obstaculos, do que todas as difficuldades, que soube habilmente vencer.

A estas circumstancias, que já eram officialmente conhecidas, ha hoje a acrescentar as que constam de um officio do sr. João Bonifacio, datado de 28 de Setembro passado.

Do Quisungo gastou a expedição vinte e quatro dias a Angoche, vindo pelo interior do sertão atravessando grandes mattas, campos alagadiços, e alguns rios que apenas davam vau com agua pelo pescoco dos homens, e outros que foi preciso passar a nado, levando as bagagens, polvora e armas em jangadas de canoas.

Em Moma houve um pequeno tiroeteo, de que resultou a morte de um sipae e o ser outro gravemente ferido. Aos dez dias de marcha do Quisungo faltaram completamente os mantimentos e estiveram tres dias sem comer, ao quarto porém entraram em uma povoação grande aonde havia abundancia de mantimentos.

Antes de chegar a Moma, teve a expedição tambem diversas esperas do inimigo, e uma d'ellas foi no Rio Mulale, porém o inimigo fugia sempre diante da expedição.

No dia 25 do corrente ás onze horas da manhã estava a expedição a uma hora de caminho de Angoche. Assentou-se alli arraial, e uns duzentos homens foram mandados á praia por entre o mangal observar os passos do inimigo. Observaram que do lado opposto na ilha de Angoche a praia estava cheia de gente armada, com tambor de guerra e bandeiras vermelhas correndo a ilha de ponta a ponta. Os duzentos homens ficaram alli postados de observação para evitar a passagem.

No dia 26 ás oito horas, hora da baixa-mar, marchou a expedição para a praia, e alli se demorou ainda meia hora, a fim de vêr se de Angoche se lhe fazia alguma proposta; mas em vez d'isso viu-se avançar uma porção de mujoes e de cafes, que se avaliaram em mais de dez mil homens, pois que desde a ilha do Fogo para o norte, e do sertão se tinha reunido toda a gente para auxiliar os de Angoche em sua defesa. A nossa força metten em linha e avançando se formou em ordem extensa, começando então o fogo, que durou desde as onze horas até ás quatro da tarde. As peças fizeram perto de trinta tiros de metralha, mas o mau estado dos reparos não permittiu que se podesse fazer maior numero.

Distribuíram-se n'esta occasião mais de quarenta mil cartuchos aos homens da expedição. Como o inimigo não diminuiu o fogo, não obstante o fogo de tres peças de artilheria, e a maré d'ahi a pouco devesse encher, o commandante de expedição, o sr. João Bonifacio, para animar os seus passou para a frente, e dirigindo-se ao lugar por onde somente era possivel passar a vau com agua pela cintura, o fez atravessar á sua gente com as cartucheiras ao pescoco, e avançando resolutamente debaixo de fogo, passou á ilha, aonde o inimigo dispersando-se abandonou completamente a defeza. No interior da ilha se encontraram muitos cadaveres que o inimigo conduzia, e n'esta occasião morreu ainda muita gente. Chegada a noute, assentou-se o arraial junto ao lugar da passagem. O inimigo atacou e defendeu-se com bastante animo e resolução. A ilha estava defendida pelo lado por onde foi atacada com um parapeto de quiçapos de areia, guarnecido de artilheria de espaço a espaço.

No seguinte dia se dirigiu o commandante da expedição á povoação do sultão. Assum (Muguta), e na praia junto a ella encontrou um parapeto de areia, que serviu de defeza quando a ilha fôra atacada, em tempo, por forças mandadas de Moçambique; e alli ao pé estava uma verga de um pangaio que mandou arvorar, e n'ella por suas proprias mãos arvorou a bandeira portugueza, que foi saudada com os seguintes vivas, que levantou a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, ao estandarte de Portugal, ao governador geral da provincia, e ao governador de Quilimane. A estes vivas correspondeu uma salva de artilheria.

Foi apresado um pangaio, destinado á compra de escravos.

No dia 27 foi explorada a ilha por tres companhias de sipaes, que encontraram alguns homens emboscados no mato, e junto ao mar uma grande porção de maciças, que se afogaram na fuga. Nos mattos e mangaes se encontrou alguma fazenda de Cache que se distribuiu aos sipaes.

Um morador de importancia escreveu ao sr. João Bonifacio pedindo para que lhe fosse permittido apresentar-se, ao que se lhe responden, que seria recebido, e o podia fazer sem risco, entregando as armas que elle e os seus tinham, e obrigando-se a prestar juramento de obediencia ao governo geral, e declarar-se subdito de Sua Magestade, affiançando-lhe o sr. João Bonifacio toda a segurança da parte do governo, que estava disposto a receber e a todos os habitantes n'estas condições. O sr. João Bonifacio continúa assegurando os resultados felizes d'esta empresa, submettendo os que ainda se não têm apresentado, mas sem ter encontrado resistencia.

Taes são resumidamente os factos que menciona o officio, a que nos referimos, e que convem fazer publicos e conhecidos de todos. Por elles se pode avaliar o importante serviço que o sr. João Bonifacio Alves da Silva acaba de fazer, e continúa fazendo a esta provincia e a Sua Magestade com grande despendio da sua fazenda, e com grande risco da sua vida, mas com grande vantagem do seu nome e da sua honra e fama.

Para feitos semelhantes não ha palavras de louvor que bastem: a narração singella delles é-lhes o seu mais pomposo elogio.

Este relevante serviço não pode deixar de ser condignamente apreciado por S. M.; e é de esperar que a gloria de tal feito e a recompensa delle sejam um poderoso incentivo para iguaes serviços.

## EXTERIOR

### DESPACHOS DIRECTOS

Madrid, 9, ás 11 h. da manhã.

Nova-York, 29.

Os confederados preseguem Banke, que foi derrotado.

Panico em Washington.

Marcham alguns regimentos para defender Mac-Clellan, batido pelos confederados proximo de Richmond.

Em consequencia de representações da França, o presidente Lincoln adda a negociação do tratado com o Mexico até á conclusão da guerra com a França.

Dos jornaes do correio de hontem copiamos os seguintes telegrammas:

Paris 4 (á noite). — A *Patrie* desta tarde

publica noticias de Vera Cruz, com data de 15 de maio. Segundo ellas, as povoações de Chelula, Tlascalala, Tepeaca e Acacingo, tinham-se pronunciado contra Juarez, e este movimento ia-se generalizando.

Calentá 17 de maio — o *Shang-hai* 21 de abril — Os insurgentes chinezes foram batidos duas vezes, e tiveram grandes perdas.

O mandarim Tuiping recebeu consideraveis reforços de Nankin.

Os estrangeiros que estão em Nin Po continuam a gosar de inteira tranquillidade, e não são inquietados.

Turin 4. — Na discussão acerca do movimento de Brescia e Bergamo, o general Bixio disse que o presidente do conselho de ministros, o sr. Rattazi, declarou em varias occasões ao filho de Garibaldi e ao mesmo Bixio que o governo não toleraria expedições illegaes.

Marselha 3. — Trezentos prelados e dois mil sacerdotes se acharão reunidos em Roma no domingo do Espirito Santo.

A municipalidade conferirá a todos os bispos estrangeiros o titulo de nobres romanos.

Cartas de Roma dizem que os bispos alli reunidos assignarão uma representação mostrando a sua dedicação ao principio da soberania temporal do Papa.

A redacção desta representação será confiada a um bispo francez e a um cardeal inglez.

Milão 2. — Kossuth publica no jornal a «Alliança» importantes esclarecimentos sobre o projecto de confederação dos povos do Danubio, Maggyares, Serbas, Reumanhezes, etc.

Turin 2. — Garibaldi chegou aqui esta noute, e teve de manhã uma explicação com o general Sanfront. Assegura-se que terminou a desavença entre elle e o ministro. Crê-se que Garibaldi partirá amanhã para Belgique, e não assistirá ás sessões do Parlamento.

Descubriu-se em Napoles um emprestimo burbonico clandestino. Foi preso o agente principal d'este negocio. De 500 obrigações de 100 francos já 300 tinham sido vendidas. A auctoridade apprehendeu o dinheiro e a correspondencia.

Malaga, 5. — Devem chegar hoje a Melilla o bachá de Riff e os chefes dos kabilas, os quaes segundo a communicação recebida, se apresentam para obviar ás ultimas difficuldades sobre a questão dos limites.

Roma, 4. — Chegaram a esta cidade a infanta D. Isabel de Portugal, o cardeal Cousset e oito bispos.

Londres, 4. — As noticias de Nova York alcançam a 24.

O exercito do general Mac-Clellan passou o rio Chickahoning. A vanguarda do exercito federal estava a cinco milhas de Richmond. Os separatistas oppunham pouca resistencia á marcha dos federaes, mas affirmam-se que estes se defenderão energeticamente em Richmond.

Os jornaes de Nova York publicam noticias do Mexico, segundo as quaes Juarez e os seus ministros fugiram para Queretaro. A povoação pronunciou-se formalmente a favor de Almonte.

Os telegrammas de Washington dizem que o sr. Corsini concluiu um tratado pelo qual o governo federal se compromette a prestar dez milhões de duros ao Mexico.

A grande batalha parlamentar da camara dos commons foi ganha pelo governo. A proposta de Palmerston approvando as despesas militares subscriptas no orçamento de Gladstone foi approvada por maioria de 367 contra 65.

Paris, 5. — «A Patrie» da tarde diz que não é exacto que Cordova e Veracruz se sublevassem. Os despachos de 14, segundo este periodico, dizem que as povoações se mostram cada dia mais favoraveis, e que por toda a parte a queda de Juarez está proclamada.

«A presse» diz:

«Estão preparados reforços para marchar ao Mexico, mas não sairão de França por enquanto.»

Turin, 5. — Na sessão da camara de deputados de hoje, Minghetti apoiou o ministerio, que foi atacado por Bertani e Massari.

Roma, 5. — As tropas francezas capturaram duas carruagens carregadas de armas e escoltadas por gendarmes pontificios.»

## NOTICIARIO

**Monumento de D. Pedro V.** — O *Diario Mercantil*, de hontem, escreve á ultima hora o seguinte:

«E' uma hora da tarde. Está assente a pedra fundamental do monumento, que vão engrisar os artistas portuenses á memoria do rei popular, o sr. D. Pedro V, na praça da Batalha.

Foi imponente, e condigna do assumpto a cerimonia. O dia ficará mais um dia memoravel da historia desta cidade, já ornada de tão brilhantes paginas.

O sr. visconde de Rilvas, Simão de Calça e Pina, foi quem, em nome de S. M. o sr. D. Fernando, que não pôde por justos motivos vir pessoalmente, bateu e fixou a pedra, com que ficou coberta, a fundamental — depois de ter sido deitada a benção pela autoridade ecclesiastica, o sr. vigario capitular.

Nesta occasião deu-se uma salva real d'artilheria na Serra do Pilar.

Estiveram os corpos de guarnição, 10 e 18 d'infantaria, e municipal — commandados pelo sr. brigadeiro Horta. A guarda de honra foi da municipal.

Assistiram muitas pessoas distinctas, e uma concorrencia immensa de povo. Estava dentro do pavilhão, levantado ao sul da praça — onde foi assignado — o auto da inauguração, bem como

a planta do monumento para ser vista pelas pessoas presentes.

A cerimonia acabou, com um discurso do presidente da commissão dos artistas, e com os vivas a el-rei, á familia real, e ao codigo fundamental, levantados pelo representante do sr. D. Fernando.

A praça achava-se toda embandeirada e elegantemente adornada.

**Naufragios.** — Por participações telegraphicas recebidas nesta cidade, consta que naufragaram a rasca *flor d'Aveiro* e o liate *Christina*, a primeira na praia da Vieira, e o segundo ao norte d'Ovar neste districto.

A rasca pertencia ao sr. Antonio Pereira negociante d'esta cidade, e no liate tinha uma pequena parte um individuo aqui residente.

**Forte independencia!** — O *papelucho* «não é opposição nem governamental.» Isto é verdade, o *papelucho* não sabe o que é, por isso diz não ser governamental nem opposição.

Pois o rafeiro não ladrrou ao sr. Avila, e não lhe lambou depois os pés?

Pois o canito não mordeu no sr. Casal Ribeiro, no sr. Fontes e não está agora acariciando-os com affagos e meiguices caninas?

Com que, o *papelucho* é um jornal independente? Quem se vende a todos os governos por alguns milreiros, aos Brandões por bom preço será independente? Que independencia é esta? Pois a independencia sustenta-se de vitellas, de juntas de bois, de murcellas, de teias de pano de linho e d'outros presentinhos com que tentam a vossa miseravel corrupção?

Não, isso não é independencia. E' miseria, é torpeza, é abjecção.

Fallaes em tolerancia, miseraveis, vós, que ainda ha pouco apregoaveis a revolta do alto dessa indecente tribuna, a anarchia, a banca-rola e o scisma?

Estaes na estacada, dizeis vós? Que quer isso dizer? Estaes na estacada para que? Para defender toda a qualidade de crime, como tendes feito sempre?

E' inutil tudo quanto dizeis. Imputação já vola negaram, e assim as vossas palavras produzem no publico o effeito do escarneo e do ridiculo. Cubri-vos com a mortalha da ignominia e deixai-vos estar debaixo della, porque é debalde que tentes viver á luz do dia.

**Mergulhadores** — Começãõ hontem a trabalhar nos tubos da ponte do Vouga, os dois mergulhadores portuguezes, que ultimamente vieram destinados áquelle serviço.

São dois homens robustos e desembaraçados, que parece fazerem já aquelle penoso serviço com bastante agilidade, apesar do pouco tempo que nos consta terem de pratica.

Hontem chegaram ao Vouga, acompanhados pelo sr. engenheiro Mouzinho e outros cavalheiros do Porto, e logo se promptificaram a fazer a sua perigosa descida por um dos tubos da ponte. Effectivamente um delles desceu, e ali trabalhou durante algum tempo, até que foi mandado subir por ser já tarde, e terem vindo fatigados do caminho.

Regosija-nos ver que já se encontra entre nós quem se preste a fazer os trabalhos de mergulhação, talvez por muito menos que aquelles, que temos sido obrigados a mandar vir do estrangeiro.

**Declaração** — O sr. Eduardo Tavares repellindo hoje no *Portuguez* as injurias que lhe fez um folhetim, publicado não sabemos em que jornal, declara, que não era correspondente do *Campeão das Provincias*, nem mandara dizer para aqui que o discurso do sr. José Estevão fizera *fiasco*.

A declaração do sr. Tavares era escusada para nós, que sabemos ha muito tempo, que tudo é de casa.

**Desastre.** — Deu á costa nas praias da Ilha Verde a barca que conduzia a sumptuosa mobilia, destinada pelo *general* a guarnecer a casa do telegrapho de certa villa, bem como uma bandeira multicolor, que o mesmo *general* havia prometido a certa camara. Infelizmente estes preciosos objectos não estavam no seguro, pelo que, já está feita uma mobilia de pau de pinho para a sobredita estação, e outra bandeira para a camara, não tão rica como a que se perdeu, mas bastante decente para supprir a falta, que a outra faz.

**Caridade publica.** — A subscripção aberta no «*Jornal do Commercio*» em favor dos orphãos desamparados, subiu hontem (10) á quantia de 2:653\$393 rs.

A subscripção do «*Portuguez*» chegou á somma de 84\$750 rs.

O sr. barão da Gloria offereceu ao governo um cheque sobre o banco de Portugal, na importancia de 300\$000 rs.

A subscripção dos srs. deputados, recebeu mais 13\$500 rs.

A camara municipal resolveu, na sessão de 10 do corrente, por proposta dos srs. Severo de Carvalho e Vaz Rans, que, desde a noite de Santo Antonio, todos os domingos haja fogo de vistas no Passeio publico do Rocio, sendo a entrada a 100 rs. em beneficio dos asylos de Lisboa.

A camara arrecadará o producto das entradas, e depois fará a distribuição proporcional pelos mesmos asylos.

A commissão nomeada no Centro Promotor constituiu-se, com effeito, no sabbado, e principiou os seus trabalhos.

Segundo nos consta, ha ideia de que os productos da subscripção promovida naquella associação popular reverta em favor do novo asylo de S. João.

A lista do vice-presidente do Centro, o sr. Vieira da Silva, conta já muitos donativos.

A associação dos empregados no commercio e industria vae nomear uma commissão para colher donativos a fim de auxiliar os asylos onde se encontram os orphãos desamparados.

— A benemerita direcção do asylo dos orphãos da freguezia de Santa Catharina vae promover um beneficio em favor do cofre do mesmo asylo, realisando-se uma toirada na praça do Campo de Sant'Anna, no dia 15 do corrente.

Os toiros são offerecidos gratuitamente pelos mais abastados lavradores. Duas philarmonicas tambem se prestam generosamente para tocar durante a corrida.

**Monumento a Camões.** — Está designado o dia 26 do corrente para a cerimonia da collocação da pedra fundamental do monumento erigido a Luiz de Camões. El-rei D. Luiz assistirá a esta cerimonia. Hade ser um dia de festa nacional.

**Oidium.** — Nas oliveiras dos campos de Setubal tem-se desenvolvido o mal, achando se limpas e livres de molestias as que foram atacadas no anno passado.

As vinhas, porém, continuam sendo atacadas pelo *oidium*. As cearas não apresentam mau aspecto.

**Machina utilissima.** — Lê-se na *Revolução de Setembro*: Na exposiçãõ de machinas recentemente feita nos Estados-Unidos foi exhibido um ingenho appellido para fabricaçãõ de meias. A sua construcção é singela, podendo-se pôr em acção com o movimento da mão ou de um pé. Os pontos que ella opéra são completamente eguaes aos produzidos pelas agulhas de fazer meia, e podem ser feitos em um minuto mais de 5:000, de fórma que num quarto de hora pôde estar concluido um par de piugas. Esta machina põe ao mesmo tempo em movimento os fusos, que de uma roda vão fiando o fio preciso para este fabrico.

**Assassino celebre.** — A Sublime Porta congratula-se pela noticia da morte de um salteador extraordinario e romanesco e uma especie de D. Carlos de Schiller, que se escapou por longo tempo ás garras da policia.

Chamava-se Solac-Mustaphá, e vagueava com a sua quadrilha pelos arredores de Silistria, desempenhando o papel de Fra-diavolo; roubava e assassinava ás vezes os viajantes, mas ao mesmo tempo construia pontes, dotava orphãos, alliviava as misérias, que conhecia, portando-se sempre cavalheiramente.

A policia sua compatriota não soube apreciar-o, e deu cabo delle n'um combate que teve com a sua quadrilha, á qual aprisionou.

**Monstruoso instrumento.** — O antigo orgão de S. Sulpicio, diz um jornal parisiense, devido a Clicquot, acaba de ser completamente reconstruido. Este orgão possui hoje cinco teclados completos e um pedal, 118 registros, 20 pedaes de combinaçãõ, e perto de sete mil canudos. Os maiores destes canudos tem dez metros de comprimento, e os mais pequenos, 5 millimetros. E' entre estes dois limites, dois extremos, que se produzem todos os sons perceptíveis, cuja extensãõ é de oitavas.

O interior deste instrumento é dividido em sete andares, desde o chão da tribuna até á abobada, n'uma altura de 18 metros. Quatro andares são occupados pelo machinismo, e os tres restantes pelos tubos.

A transmissãõ de todos os movimentos é feita por meio de motores pneumáticos de nova invençãõ, pela primeira vez applicados neste tempo. Finalmente este orgão foi enriquecido com todos os aperfeiçoamentos da arte moderna, e é de um valor extraordinario.

## CORREIO

LISBOA 11 DE JUNHO

(Do nosso correspondente.)

Anignos.

Concluiu-se a discussãõ do orçamento na camara dos deputados, e os jornaes da opposiçãõ, em vez de se occuparem dos assumptos importantissimos, que deviam ser tratados neste momento e de reclamarem do governo todas as reformas, que o estado de administraçãõ publica está pedindo incessantemente, continuam a occupar-se da questãõ das irmãs de caridade. — Que eloquento resposta ao discurso do sr. Fontes!

O illustre deputado por Lisboa, lamentou que os homens publicos se não occupassem de outros negocios, desde 1859, senãõ da questãõ das irmãs de caridade, e estranhou que o governo, especulando com a questãõ e vivendo á custa d'ella, a apresentasse, em tres sessões successivas, á discussãõ do parlamento, preterindo questões da mais momentosa consideraçãõ. Agora o governo resolve a questãõ das irmãs de caridade definitiva e terminantemente; e o jornal do sr. Fontes e todos os outros jornaes da mesma politica, como a *Nação* e o *Direito*, não se occuparam ainda de outro assumpto senãõ das irmãs de caridade!

Quem especulava, era o governo, ou o sr. Fontes e os seus colligados?

Quem quer fomentar a guerra civil e servir-se da religião para fazer triumphar interesses partidarios os mais miseraveis e mesquinhos?

Quem pertende fazer uma arma da ignorancia dos povos para poder caluniar affrontosamente de *impios* e *hereses* os seus adversarios?

A estas perguntas respondem frisantemente os seus ultimos numeros dos jornaes chefes da colligação. — *Revolução, Nação e Conservador.* — Leiam aquelles artigos escriptos no delirio da paixãõ mais odienta, e vejam o que pode esperar o paiz de uns homens, que querem fazer

triumphar uma idéa politica por aquelles meios. — A *Revolução* de hontem referindo-se ás considerações que o sr. José Estevão fez em uma das ultimas sessões, a respeito do projecto apresentado pelo ministro da fazenda para a revisãõ das matrizes, na forma do seu costume, torce o sentido das palavras do illustre orador e interpreta-as de um modo abjecto e miseravel. Este sistema de discutir com os adversarios é indigno de homens que se presam, e que se estimam; e, a propria *Revolução* o reconhece em o seu numero de hoje nas seguintes phrases, que são perfeitamente applicaveis ao seu procedimento:

«Combatam embora as nssas opinões, mas combatam-nas, como nós as apresentamos,—que é esse o seu direito e o seu dever—mas não as adulterem, que esse é o triste recurso de adversarios desleaes e ineptos, que não tem outros.»

Ora a *Revolução* diz hontem, que o sr. José Estevão, queria que andassem seis ou oito inspectores a cavallo a fazer matrizes por todo o reino!!

Isto é torpe e miseravel. O sr. José Estevão o que disse foi, que os inspectores de contribuições não deviam estar sempre estacionarios, mas que deviam percorrer os districtos, visitando todos os cartorios dos escriptores de fazenda e observando se as matrizes estavam ou não bem feitas, para poderem attender e resolver immediatamente as reclamações dos contribuintes.

Isto foi o que disse o nobre deputado, mas como s. ex.<sup>a</sup> nunca revê os seus discursos e muito menos os dos seus collegas, para nelles amputar ou accrescentar o que lhe parecer, por isso me não admirará, que uma ou outra vez appareça no *Diario* o contrario do que s. ex.<sup>a</sup> diz: o que effectivamente já tem acontecido. Mas desta vez nem no *Diario* vem as palavras que a *Revolução* quiz attribuir ao distinctissimo orador.

— A burguezia, os artistas e todas as classes populares insultados pelos jornaes da opposiçãõ, e offendidos nos seus sentimentos de caridade com o grosseiro epitheto de *caridade de balcão*, respondem áquelle affronta, enchendo os cofres dos asylos com os seus donativos a que não põem condiçãõ.

A subscripção do *Jornal do Commercio* chegou hoje a perto de quatro contos de réis, a do *Portuguez* a cento e tantos mil rs. A subscripção tirada entre os deputados montou a 372\$000 réis. — O illustrado sr. José Maria d'Abreu respondeu ao individuo que lhe perguntou se queria entrar na subscripção, com as seguintes *delicadissimas* e *caridosas* palavras.

Diga ao Marquez de Loulé que lhe dê os emolumentos que me fustõu.

Isto não se commenta, archiva-se.

A subscripção de associaçãõ commercial, era hontem de 24 contos em inscripções e prometia subir hoje a muito mais.

Houve hontem no theatre de D. Maria II uma solemne, expontanea e entusiastica demonstraçãõ de respeito e de amor do partido popular a El-Rei D. Luiz e a seu augusto Paé.

Era o beneficio do Asylo de Santa Catharina promovido pelos artistas do theatre normal. — Esteve uma enchente real. Na platêa não havia talvez um só homem que não pertencesse ao partido popular e progressista. Os camarotes estavam todos cheios de senhoras, todas recommendaveis, ou pela sua belleza, ou pelo seu nome, ou pela sua *toilête*. Entre as muitas, que reuniam estas tres recommendações notámos a esposa do sr. Lobo d'Avila e suas irmãs as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria Orta e D. Joanna Orta, a esposa do sr. Mendes Leal, a filha do sr. Bartholomeu dos Martyres, a sr.<sup>a</sup> condeza de Carvalhal, a sr.<sup>a</sup> duqueza de Saldanha e sua filha, a esposa do sr. Silva Tulio e sua irmã.

El-Rei entrou, quando o espectáculo já tinha começado. A sua chegada ao camarote levantaram-se respeitadamente todos os espectadores e cumprimentaram-no depois, no intervalo do primeiro acto romperam os vivas a S. M. o senhor D. Luiz e ao senhor D. Fernando, tocando a orchestra o hymno de El-Rei. — SS. MM. corresponderam ás saudações de todos os espectadores com signaes da mais viva satisfacção; e durante o resto do espectáculo foi uma continua ovação aos principes illustrados e constitucionaes, que se elegeram a si proprios os protectores dos desvalidos e dos pobres desta terra.

As creanças deitavam flores para o palco e para os espectadores, agradecimento singelo daquelles corações innocentes e reconhecidos aos seus benefiteiros, aos seus amigos, aos seus irmãos, áquelles emfim, que as querem educar para suas mães, para suas esposas, para a patria e para a liberdade, e não para o isolamento, para o claustro e para o tumulo.

Dizem-me que El-Rei dera a esmola de dez contos de réis em inscripções, e que muitos individuos pagaram a uma libra e mais o seu bilhete de platêa.

— Em todos estes dias proximos haverá récitas em todos os espectaculos publicos em beneficio das creanças desamparadas pela *caridade aristocratica*.

— No dia 26 lança-se a primeira pedra no alicerce da estatua do poeta immortal. A esta cerimonia assistirá Sua Magestade.

A opposiçãõ, que está completamente desvairada, e que pertende apoderar-se revolucionariamente do poder, por não ter outros meios de o alcançar, diz-se que tentará fazer tumulo n'aquelle dia de festa nacional, mas o governo já tomou todas as providencias, para dar uma severa lição nos desordeiros se os houver.

— Ultimamente torna a correr o boato, já desvanecido de que El-Rei casará com a princeza de Saboya D. Maria Pia. Se tal acontecer se-

rã esse dia o de maior satisfacção para todos os liberaes, que existem debaixo do bello ceu de Portugal e de Italia.

Adeus.

Vosso  
F. O.



PORTO Hiate portuguez, *União*, mestre, M. dos S. Chuva, 8 pessoas de tripolação, ferro á empresa Salamanca.  
IDEM Rasca portugueza, *Patusca*, mestre, I. F. dos Santos, 7 pessoas de tripolação, ferro á empresa Salamanca.

## ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escriptõ Nogueira, e a requerimento de João Nunes Cardoso, e mulher D. Maria Albertina da Gama, filha e genro, D. Maria Albertina de Sousa, e Silvestre d'Aguiar Bisarro, moradores na Feira — correm editos por espaço de 30 dias, a contar do dia 26 do corrente, chamando todos os credores certos e incertos, ou pessoas que tenham a deduzir direito sobre o preço depositado de réis 1:800\$000 pela expropriação que a via ferrea do Norte fez na quinta sita na Ribeira de Esgueira, que foi do capitão Albino, chamada tambem a quinta dos Camossas, a qual por bem conhecida se não confronta — venham deduzir seu direito, com a comminaçãõ de que se uns, e outros o não deduzirem n'aquelle prazo, serão lançados para nunca mais o poderem fazer, ficando assim livre, e desembargado aquelle preço para ser levantado por quem legitimamente lhe pertencer.

Pelo cartorio do escriptõ Nogueira, a requerimento de Manuel Nunes Baroé, da Vista-Alegre, correm editos de 30 dias a contar da data de 27 de maio findo, a citar o reu ausente Antonio Vicente Soares, da villa d'Ilhavo, para vir offerecer artigos de liquidaçãõ na 2.<sup>a</sup> audiencia depois de findo aquelle prazo, e para todos os mais termos até final. Outro sim para que, julgada a liquidaçãõ por sentença, dentro em 10 dias da intimação ao curador caso elle não compareça, venha ou mande ao cartorio do respectivo escriptõ nomear bens á penhora on pagar não só a importancia de liquidaçãõ do dote, mas tambem as custas contadas nos autos e mais as acrescidas; e para que na 1.<sup>a</sup> audiencia, depois de feita a penhora se venha louvar em louvados que avalem os bens penhorados com a pena de revelia.

## AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, penhorados summamente pelos serviços prestados pelos illustres cavalheiros, seus patricios, para com seu sempre chorado irmão e tio o sr. Francisco José d'Oliveira Queiroz, quer durante a sua dolorosa enfermidade quer nas ultimas honras que lhe prestaram; vão por este meio, porque o não podem fazer d'outra forma, declarar, que consideram os mesmos serviços como feitos ás suas proprias pessoas, e como taes os agradecem e por elles se confessarão gratos em quanto existirem.  
Villa Real de S.<sup>to</sup> Antonio  
5 de junho de 1862.

João José d'Oliveira Queiroz.

Deolinda Isaura d'Oliveira Queiroz.

No dia 15 corrente ha de ter logar, pelas 11 horas da manhã, a eleição dos jurados commerciaes que tem de servir durante o anno de 1862.

## ATENÇÃO

A empresa constructora dos caminhos de ferro, offerece premio de 25 libras a quem lhe descobrir uma pedreira granitica ou calcarea, aproximadamente na mesma distancia, que as pedreiras d'Elrol.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.